



---

## Sabedoria da Igualdade

A segunda das sabedorias nos convida a olhar um desafio interessante: como olhar as crianças com igualdade e ao mesmo tempo respeitar as diferenças, levando em conta as características singulares de cada um?

Mesmo no contexto familiar, vemos esse tema presente. Pais que educam mais de uma criança facilmente percebem nelas características específicas, que requerem abordagens diferenciadas. Mas, ao mesmo tempo, podem ser confrontados com a pergunta: “por que com meu irmão você agiu assim, se comigo você agiu de outra forma”?

Embora a igualdade não exista como realidade empírica, já que de fato não há dois seres humanos iguais no planeta, ainda assim ela representa um ideal. Pode estar relacionada a uma necessidade de nos reconhecermos como iguais, em outro alguém ou em um grupo, encontrar nossos pares. Pode aparecer ainda como uma necessidade associada a um senso de respeito, equilíbrio ou justiça. Nesse sentido, a igualdade tem força a ponto de impulsionar movimentos como a revolução francesa, considerada o grande marco do início da nossa época.

Por um lado, temos o ideal de uma educação baseada na noção de igualdade, para que todos tenham iguais oportunidades, e as liberdades e interesses individuais possam ser contemplados. Por outro lado, percebemos a sombra do individualismo excessivo. Como educadores, intuímos a necessidade de fortalecer a capacidade de trabalhar em grupo, enxergar os outros e aprender valores como cooperação e solidariedade. Percebemos também as diferenças entre as crianças e buscamos formas que promovam o respeito a essa diversidade.

Constatamos que sempre haverá pontos que nos aproximam e outros que nos diferenciam, e que é importante sermos encarados como iguais e diferentes ao mesmo tempo. Nesse contexto, qual a importância de falar sobre Sabedoria da Igualdade?

Conforme os ensinamentos de Lama Padma Samten, sustentar um olhar de igualdade pode favorecer que nos alegremos com as alegrias do outro. Perceber algum nível de igualdade faz com que nos sintamos conectados uns com os outros, e essa sensação de conexão é uma chave poderosa para nos abrir a uma atitude altruísta e compassiva.

Pesquisadores que investigaram a motivação de pessoas que arriscaram suas vidas para proteger judeus perseguidos durante a segunda guerra mundial constataram que essas pessoas provinham dos mais variados contextos religiosos, culturais e socioeconômicos. O único ponto em comum que foi identificado entre eles era que, em seus testemunhos, os pesquisadores puderam identificar “uma visão de mundo e dos outros

fundada na consciência da interdependência de todos os seres e sua humanidade comum<sup>1</sup>.

Esse exemplo demonstra a importância e a força de nos reconhecermos como “iguais”, semelhantes, enfim, conectados uns com os outros. Assim como esses protetores dos judeus, outras pessoas que se destacaram por manifestar uma capacidade de altruísmo expandido geralmente se apoiaram em alguma visão ampla de pertencimento como: “somos todos seres humanos”, ou “somos todos expressões da criação de Deus”, ou ainda “todos os seres têm a natureza de Buda”.

Por isso mesmo, educar para a compreensão e o reconhecimento de aspectos de igualdade em meio à diversidade tem tanta relevância. Essa visão pode incluir uma sensação de conexão e pertencimento com o gênero humano, mas pode também ir além, incluindo os outros seres e a biosfera como um todo. Esse tema aparece, por exemplo, na espiritualidade franciscana, dentro da qual toda a natureza é expressão do amor de Deus, e a experiência de conexão com Deus é a experiência de conexão com sua criação.

No budismo, o exercício do reconhecimento da natureza de Buda em todos os seres também faz parte do cultivo da sabedoria e compaixão universais. Na tradição Guarani, a noção de parentesco entre os seres humanos e a natureza é uma base para a ampliação da experiência de cuidado e respeito com todos os seres, como fica evidente na fala de Kaká Werá Jecupé<sup>2</sup>:

“Todos nós somos parentes. Todos nós, quem? Todos nós homens, reino vegetal, reino animal, reino mineral, quer dizer, todos nós somos parentes. O reino animal antecedeu ao reino humano, o reino vegetal antecedeu ao reino animal, o reino mineral antecedeu ao vegetal, eles são os nossos ancestrais.

Os nossos ancestrais, nossos parentes, não são só nossos tios, avós, tataravós, sangue do nosso sangue; os nossos ancestrais vão além disso. As árvores são nossas avós, os animais são nossos bisavós, as pedras são nossas tataravós. É assim. Não é só uma força de expressão, não é mesmo.”

### **Sabedoria da Igualdade: reconhecer a jóia presente em toda experiência**

Assim, na perspectiva da Sabedoria da Igualdade, a experiência de igualdade promove a perfeição da generosidade. Percebemos que, embora a diversidade esteja sempre presente, se olharmos de forma apreciativa nossos pontos de interconexão, nossa predisposição de manifestar generosidade com alegria aumenta. Na Sabedoria da Igualdade, a alegria do outro se torna nossa alegria, manifestamos generosidade de forma natural, como uma mãe que cuida dos filhos sem pensar que o benefício gerado por suas ações é para os filhos e não para ela mesma. Por isso, a generosidade

<sup>1</sup> Mathieu Ricard. A Revolução do Altruísmo. Ed. Palas Athena. 2016.

<sup>2</sup> Kaká Werá Jecupé. A Terra é de Nhanduru. Revista Bodisatva Online. Bodisatva.org

é um aspecto muito importante da expressão da segunda sabedoria.

Tradicionalmente, ela é representada pelo buda **Ratnasambava**, que significa “o nascido como uma jóia”, sendo que “ratna” significa jóia ou algo precioso, de valor. Ele é representado com a mão direita aberta, com a palma da mão para a frente, simbolizando um gesto de suprema **generosidade** e doação. A cor dessa sabedoria é o **amarelo**, ligado ao ouro, símbolo de riqueza material e também espiritual.

Aluna de Trungpa Rinpoche, um dos mais importantes mestres que introduziram o budismo tibetano no Ocidente, Francesca Freemantle conta que seu mestre costumava descrever *ratna*, o princípio dessa sabedoria, como “uma grande árvore caída que começou a apodrecer: cogumelos e fungos florescem nela, limo e líquen a cobrem, plantas novas brotam sobre ela, vermes e insetos se alimentam dela e pequenos animais se abrigam dentro dela; ela verte uma goma pegajosa como âmbar, e sua casca se desfaz, revelando cores e texturas fascinantes”<sup>3</sup>.

Se essa fertilidade e riqueza preciosa pode ser localizada em uma árvore apodrecendo, podemos lembrar que perceber essa preciosidade é uma questão de treinar o olhar. Na mandala da Sabedoria da Igualdade, descortinamos essa visão capaz de reconhecer a preciosidade presente em cada situação.

Na visão budista, todos os seres possuem inerentemente uma base comum, que é a chamada de “natureza de buda”. Segundo Freemantle, “sentir nossa semelhança essencial profundamente, não importa o quanto às vezes as pessoas possam parecer estranhas para nós, nos dá o poder da simpatia e da empatia”.

Essa sensação ampla de pertencimento e identidade com todos os seres é a própria manifestação da Sabedoria da Igualdade, através da qual a generosidade se torna uma expressão natural. “A mente, repousando em um estado de equanimidade, percebe intuitivamente que todos os fenômenos partilham a mesma natureza essencial, portanto ela vê tudo como igual”<sup>4</sup>. Entretanto, não se trata de uma igualdade que significa não perceber as diversidades, mas o cultivo de uma postura interna de apreciação e enriquecimento diante de todas as experiências igualmente, possibilitando que cada fenômeno possa ser integrado como parte de nossa experiência total, como a grande riqueza da existência em suas mais variadas nuances.

### **Reconhecer as qualidades e irrigá-las: Sabedoria da Igualdade na prática educativa**

Podemos olhar para nós mesmos e para os seres ao redor como iguais nesse potencial de qualidades. Todos somos diferentes, vivendo experiências diferentes, mas todos possuímos qualidades e, mesmo que sejam qualidades diferentes em cada um, o fato de todos termos qualidades e a capacidade de manifestá-las nos torna, nesse ponto, iguais.

Lama Samten nos convida a contemplar que, mesmo os seres imersos em dificuldades e negatividades possuem qualidades, aqueles que

<sup>3</sup> Francesca Fremantle. Vazio Luminoso. Ed. Nova Era, 2005.

<sup>4</sup> Idem.

realizam ações que desaprovamos ou que possuem características com as quais não nos identificamos, se olharmos bem, seremos capazes de perceber e localizar qualidades positivas neles, mesmo que as manifestem apenas pontualmente.

No budismo, essa capacidade de reconhecer as qualidades do outro está associada ao amor, uma das quatro qualidades incomensuráveis descritas na tradição budista. Segundo essa visão, o amor é uma capacidade que pode ser cultivada e, ao mesmo tempo, uma prática, uma ação. Esse é um tema de grande relevância no contexto da educação, se esta estiver voltada à promoção da felicidade.

Como uma forma de melhor aplicar essa compreensão no contexto educativo e também no cotidiano, Lama Padma Samten tem nos ensinado a olhar esse tema a partir do reconhecimento das qualidades que são inerentes a nossa natureza. Todos os seres, em toda a sua diversidade, possuem qualidades.

Assim, no contexto educativo, uma prática importante associada ao exercício da Sabedoria da Igualdade é a habilidade de garimpar e identificar as qualidades em nós mesmos e nos outros, nos nossos alunos ou nos nossos filhos.

Uma vez percebendo as qualidades, outro ponto essencial desse exercício é aprendermos a nos relacionar com essas qualidades. Segundo a instrução de Lama Padma Samten, nos relacionarmos com essas qualidades significa irrigá-las, ou seja, potencializá-las, lançar luz e nutrição sobre elas, como se fossem sementes ou brotos capazes de crescer e frutificar e, se formos bons jardineiros, podemos ajudar esses potenciais a se fortalecerem e se manifestarem cada vez mais.

#### Referências Bibliográficas

**Mandala do Lótus.** Lama Padma Samten. São Paulo: Peirópolis, 2006.

**Nascendo no Lótus.** Lama Padma Samten. Apostila organizada a partir da transcrição de retiro conduzido em Araras, em Maio de 2009.

**Vazio Luminoso** – para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos.

Francesca Fremantle. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2005.

**As cinco sabedorias no contexto da Escola Caminho do Meio.** Fabiane Rocha dos Santos, ECM, 2011.